

Coxim

## NOTAS E IMPRESSÕES NATURALÍSTICAS DE UMA VIAGEM FLUVIAL A CUIABÁ

por

OLIVÉRIO PINTO

(Diretor do Departamento de Zoologia da Secretaria  
de Agricultura de São Paulo)

### I. ITINERÁRIO E REMINISCÊNCIAS

Em 1944 estava no programa do Departamento de Zoologia realizar a expedição anual de coleta na zona do Rio Coxim, de cujos esplêndidos cenários e extraordinária abundância de vida aquática havíamos guardado profunda impressão.<sup>1</sup> Teríamos seguramente levado avante esse projeto, se inesperado oferecimento de transporte fácil não nos houvesse induzido a escolher as cabeceiras do Arinos, cujos seringais, em virtude da Guerra, eram então objeto de exploração intensiva. Rumamos à vista disso para Cuiabá, escolhendo desta vez a via fluvial, embora soubéssemos ser a viagem por ela muito mais longa e demorada do que pela estrada de rodagem que, partindo de Campo Grande, ao cabo normalmente de três dias atinge a capital matogrossense, com passagem por Herculândia (antiga Coxim) e Rondonópolis. Não valeria a pena indagar aqui das razões pelas quais, uma vez em Cuiabá, falhou-nos a esperança de facilidades de condução para os formadores do Tapajós; mas, diga-se desde logo, que desse imprevisito resultou a contingência de circunscrever a expedição às adjacências da capital matogrossense e a lugares dela pouco distantes. Em consequência, os resultados zoológicos obtidos suplementam em grande parte os de nossa primeira viagem à mesma região, aliás uma das mais visitadas por naturalistas e colecionadores, assim nacionais como estrangeiros.

(<sup>1</sup>) Vide O. Pinto, "Nova contribuição à ornitologia de Matto-Grosso", em Arquivos de Zoologia do Est. de São Paulo, vol. I, art. 1, pp. 1-37 (1940). Muito instrutivo sobre os aspectos da natureza ao longo dos rios é o trabalho de Herbert Smith, vertido para o vernáculo por Capistrano de Abreu, ob o título "Do Rio de Janeiro a Cuyabá" (Cia. Melhoramentos, S. Paulo, 1922).

Deixamos São Paulo na brumosa manhã de 20 de abril, aportando em Porto Esperança na tarde 22, após três dias e duas noites de estrada de ferro, a princípio sob forte onda de frio, e mais tarde, de Campo Grande em diante, com temperatura cada vez mais elevada. No dia seguinte, muito cedo, depois de uma noite extremamente quente, rumamos para Corumbá, pelo vapor da carreira. As impressões colhidas ao subir este pequeno trecho do Rio Paraguai, pelo aspecto ainda uniformemente verdejante da paisagem e abundância de aves piscívoras, como biguás, garças e martins-pescadores, avivavam o contraste entre essas terras ribeirinhas e os campos semi-desertos cortados pela via férrea, em seu longo percurso a oeste do Rio Paraná.

Não estava em nossos planos estacionar em Corumbá, visto como desde começos de abril, por motivos antes de ordem particular, já havia seguido o Sr. A. Olalla e auxiliares imediatos.<sup>2</sup> Essa é a razão pela qual a maioria dos exemplares colecionados pela Expedição na zona de Corumbá trazem a data de começos de abril, iniciando-se a série por uma baitaca (*Pionus maximiliani siy Souancé*) colecionada no dia 1.<sup>o</sup>.

Abstraida a pequena área situada no sopé, exclusivamente comercial, fica a cidade Corumbá no alto de pequena colina calcárea adjacente à margem direita, ou ocidental, do Rio Paraguai, cujas maiores enchentes a deixam livre, embora à toda volta se estenda a planície baixa e anualmente inundada dos pantanais. Do ponto mais alto da cidade, a cavaleiro do rio, descortinam os olhos do observador panorama sem igual, de que é traço saliente a superfície espelhante das inúmeras e extensíssimas lagôas, entre si comunicantes, e conhecidas em toda região pelo nome expressivo de baías. Diante desse quadro, a que não falta a moldura de longínquas cadeias de montes, mal visíveis através da névoa, não se hesitará em dar razão aos arroubos do ilustre viajante, para quem "poucas cidades gozarão como Corumbá de um horizonte tão dilatado e aprazível, em meio de terras".<sup>3</sup>

Corumbá havia sido já diversas vezes visitada por naturalistas, cuja atenção esteve sempre voltada para o estudo particular da avifauna; quase todos, porém, fizeram as suas coleções em lugares mais ou menos distantes da cidade, em cujos arredores foi obtido todo o material rotulado com esta procedência pela presente expedição. Não se tem informação dos pontos em que esta-

(<sup>2</sup>) Destes fazia parte, como colecionador e taxidermista auxiliar, o Sr. Arquimedes Aggio, cuja colaboração foi das mais prestantes para o bom êxito dos trabalhos. Em companhia do Autor, seguiu o Sr. Alfredo Zoppei, funcionário do Dept.<sup>o</sup> de Zoologia, a quem todavia coube parte pequena nas atividades naturalísticas da expedição.

(<sup>3</sup>) Dr. João Severiano da Fonseca, "Viagem ao redor do Brasil", (1875-1878), vol. I, pp. 300. Rio de Janeiro, 1880.

OLIVÉRIO PINTO  
Notas de uma viagem fluvial a Cuiabá

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE E. GOELDI  
vol. X (1949)

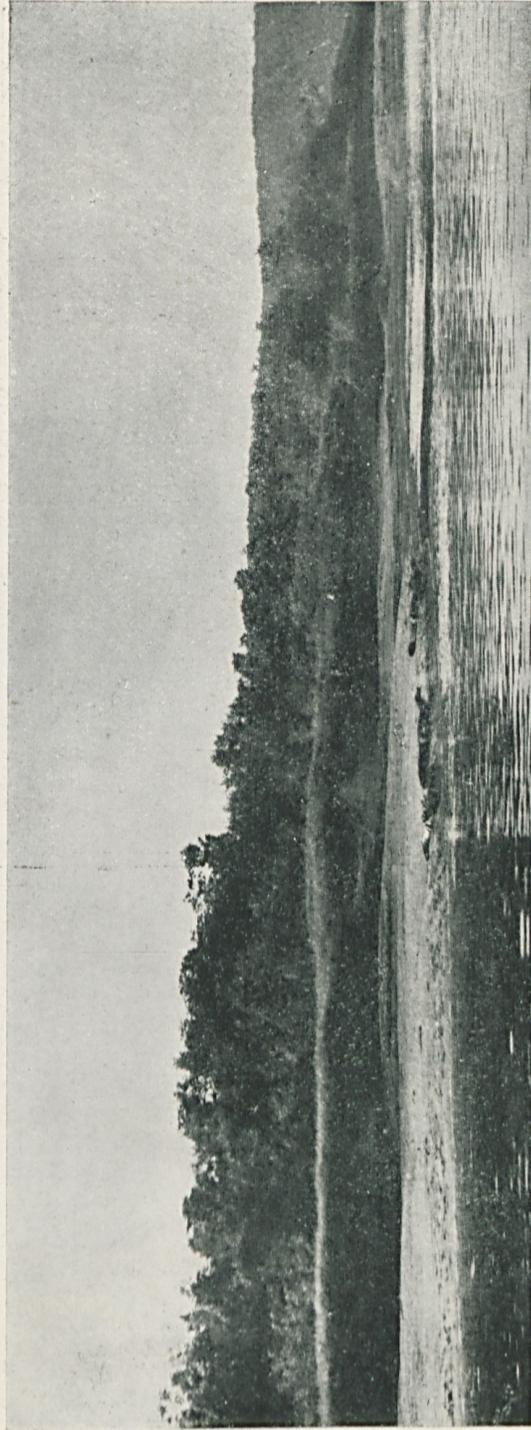


Fig. 1 — *Jacarés fazem a sesta nas margens arenosas do Rio Paraguai (Foto O. Pinto, maio de 1944)*

OLIVÉRIO PINTO  
Notas de uma viagem fluvial a Cuiabá

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE E. GOELDI  
vol. X (1949)



Fig. 2 — Abundancia extraordinária de aces mergulhadoras e ribeirinhas junto ao Rio São Lourenço  
(Foto O. Pinto, julho de 1944)

cionara Ernst Garbe, quando em 1917 colecionara na zona, a mando do Museu Paulista; mas, algumas espécies de habitat silvestre (*Crypturellus tataupa*, *Ortalis canicollis*, *Buteola brachyura*, *Tityra cayana*, *Pyriglena leuconota*, etc.) é de crêr haja visitado lugares sensivelmente distantes do centro povoado. Quanto às coleções mais importantes feitas anteriormente na zona, procedem elas principalmente da Fazenda Urucum, situada a cerca de quatro léguas, em terreno acidentado, em parte coberto de matas. Para só falar das mais importantes, destacaremos a de Borelli (1909), constituída de 250 exemplares repartidos em 116 espécies<sup>4</sup>, e a mais recente de G. K. Cherrie, que nos meses de novembro e dezembro de 1913, como membro da Expedição Roosevelt-Rondon, conseguir reunir cerca de 400 espécimes, representativos de perto de 200 formas diferentes, devidamente estudadas pela Sra. E. Naumburg.<sup>5</sup>

Apezar de seu aspecto bastante diverso do dos cerrados que cobrem a maior parte do Estado de Mato-Grosso,<sup>6</sup> há hoje muito poucas matas nas cercanias de Corumbá. Entretanto, a julgar pelo que em meados do século passado deixou escrito Severiano da Fonseca, toda região teria sido outrora ensombrada de espessas florestas, que os primeiros povoadores se apressaram em destruir, tanto é certo, ontem como hoje, "que entre nós, quando se prepara o terreno de uma povoação, o traçado de uma estrada, de uma casa, mesmo, o primeiro e o que parece mais importante trabalho é uma derrubada geral e completa das matas do local e sítios vizinhos". Em apoio do que, cita a estrada aberta, havia pouco tempo, entre Corumbá e Ladário, duas léguas ao sul, a qual se fez "com uma derrubada, na floresta, de cento e vinte metros de largura, sendo que só se aproveitou no uso um pequeno trilho ou picada".<sup>7</sup> O fato é que, nos dias atuais, matas verdadeiras só se vêem nas encostas dos morros situados longe da cidade, e não foram visitadas pelo pessoal da expedição. Pode dizer-se que as atividades desta se circunscreveram aos carrascos e capoeirões que rodeiam o povoado, como se depreende da decidida predominância

(4) T. Salvadori, "Viaggio del Dr. A. Borelli nel Matto-Grosso e nel Paraguay", em *Bollettino dei Musei di Tornio*, XV, N.º 378, pp. 1-19 (1900).

(5) E. Naumburg, "The Birds of Matto Grosso, Brazil", em *Bull. Amer. Mus. of Nat. Hist.*, LX, pp. 1-403 (1930).

(6) Temos visto como é frequente ainda hoje, no comum das pessoas, a errônea suposição, compartilhada por alguns autores, como Salvadori, que não visitaram Mato-Grosso, de que este grande Estado é "coberto de grandes florestas". Por isso é oportuno lembrar mais uma vez que só a parte septentrional, que não tem limites definidos com a Amazônia, merece verdadeiramente o nome imposto pelos primeiros desbravadores, e posteriormente estendido à toda unidade político-geográfica.

(7) Dr. J. Severiano da Fonseca, op. cit., 1.º vol., pp. 302.

de formas campestres no material coligido, postas à margem as formas aquáticas e ribeirinhas obtidas nas lagoas e alagadiços da redondeza.

Deixamos Corumbá às 6 horas da tarde do dia 2 de maio, antevendo demorada viagem rio acima, pois estávamos na estação seca, e as margens arenosas do Rio Paraguai mostravam longos trechos descobertos, ora à direita, ora à esquerda, conforme o sentido em que se volta a correnteza, ao sabor dos meandros incontáveis que se sucedem sem interrupção, como em geral acontece aos rios em fase idêntica à sua, no conhecido ciclo de evolução.

No lusco-fusco nada se podia observar além de pequena distância; mas, nas imediatas proximidades, enquanto a lancha Guaporé rompia com pausada lentidão as águas contrárias, via-se uma infinidade de morcegos voando a pequena altura da superfície prateada do rio, em incessante vae-e-vem. Pelo aspecto característico e alentado do porte, não temos a menor dúvida de que se tratava do gênero *Noctilio*. Já hoje se pode afirmar, com segurança, que estes mal-cheirosos quirópteros se alimentam largamente de peixes, fato que nós mesmo tivemos ensejo de presenciar anos atrás, na ilha de Madre de Deus,<sup>8</sup> sem conhecer ainda o testemunho concorde de autores mais antigos, como Charles Kingsley (1871) e J. E. Benedict (1926), citados por Glover Allen.<sup>9</sup> Contudo, nada observamos capaz de nos certificar de que a pesca era do que então se ocupava o erradio bando. Por várias noites seguintes, renovou-se o mesmo espetáculo.

Ao alvorecer do dia 3 toda nossa curiosidade se voltava para as ribas verdejantes do rio, que íamos subindo lentamente, rente a esta ou aquela beira, ao sabor das sinuosidades do leito tortuoso. Na margem esquerda um bando de tuiuiús alvejava a copa de algumas árvores, preludiando quadros que mais tarde nos viriam extasiar.

Como o grande consumo de lenha obriga os navios a se reabastecerem com frequência, às 2 da tarde abicamos na Fazenda Laranjeira, situada no lado direito, havendo tempo bastante para alguns passeios pela redondeza, aliás sem outro proveito além do salutar exercício. De fato, neste primeiro trecho da viagem pelo Rio Paraguai, a vida animal pouca coisa mais nos ofereceu digna de registro especial, a não ser a extraordinária quantidade de jacarés. Estendidos quase sempre a fio comprido nas praias de areia, amontoados às vezes, grandes e pequenos, os enormes répteis tinham sempre a cabeça voltada para o rio. Pareciam de ordinário indiferentes à passagem do vapor; outras ocasiões, porém, sem ruído ou sobressalto, deixavam-se deslizar água abaixo, desaparecen-

(<sup>8</sup>) O. Pinto, Rev. do Museu Paulista, vol. XIX, pp. 31 (1935).

(<sup>9</sup>) G. M. Allen, *Bats*, pp. 93 (Harvard University Press., (1940).

OLIVÉRIO PINTO  
Notas de uma viagem fluvial a Cuiabá



Fig. 3 — *Um vôo de biguás quebra o sossego da paisagem nesse cair de tarde às margens do Rio Cuiabá*  
(Foto O. Pinto, maio de 1944)

OLIVÉRIO PINTO  
Notas de uma viagem fluvial a Cuiabá

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE E. GOULDI  
vol. X (1949)

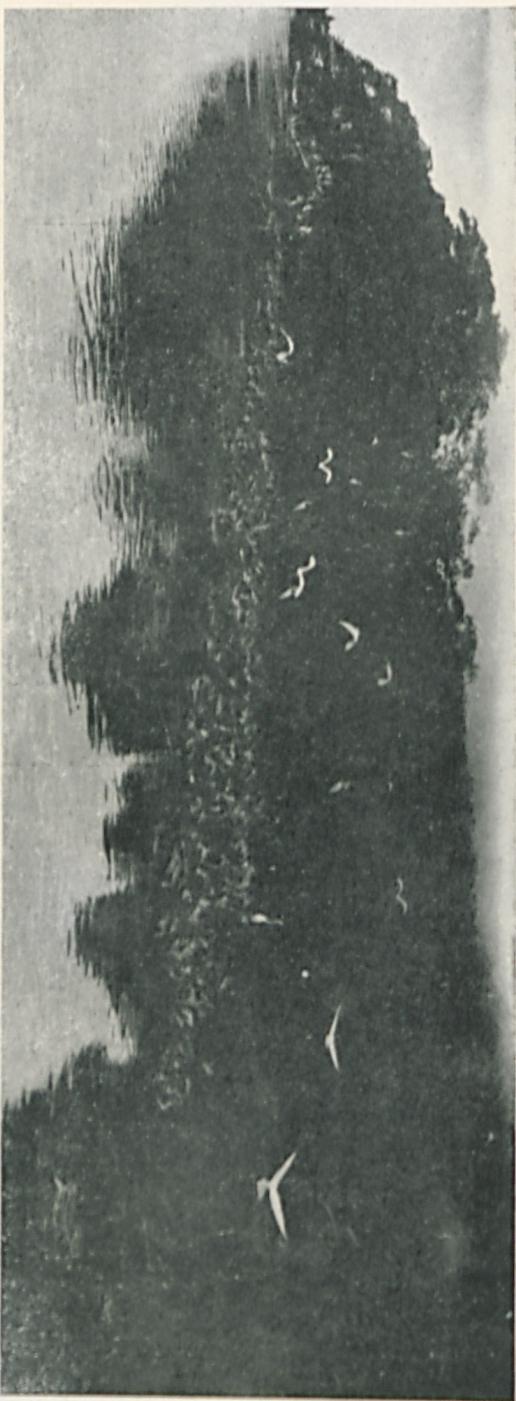


Fig. 4 — Garças e anhingas em quantidade profusa sobre as águas do baixo São Lourenço  
(Foto O. Pinto, maio de 1944)

do em rápido mergulho. Dá que pensar o consumo enorme de alimento, peixe especialmente, necessário ao sustento de tantos e tamanhos bicharocos.

A 4, mudara-se o aspecto da paisagem, vendo-se do lado de oeste a extensa cadeia de montanhas que aparece nos mapas com o nome de Serra dos Dourados. A Fazenda Novo Dourado, por onde não tardamos a passar, acariciou-nos a vista com a sua situação privilegiada no sopé de altos morros, vestidos de densa e elevada mata. Em Amolar, na margem direita do rio, a que abicamos às 9 da manhã, parada mais longa fultou-nos pequena coleta de espécimes, referentes todos ao que há de mais comum na avifauna de Corumbá (*Heleodytes unicolor*, *Nystalus maculatus pallidigula*, *Furnarius leucopus assimilis*, etc.).

Nesse mesmo dia, às primeiras horas da tarde, alcançávamos a confluência do Rio São Lourenço, cuja baixa porção querem alguns, com o General Rondon, seja antes direta continuação do Cuiabá, que só fomos alcançar na tarde do dia 6. Com a atenção voltada para este problema potamográfico, não nos foi possível descobrir razão plausível para essa mudança, que faz do Rio São Lourenço um afluente do Rio Cuiabá, em oposição à opinião clássica, que sempre viu nesse último importante tributário do primeiro. Se o novo modo de vêr pode apoiar-se toleravelmente no fato de que o São Lourenço sofre acentuada inflexão ao receber pela margem septentrional (esquerda) o seu grande afluente, ao observador se afigura que, no encontro de ambos, o volume de águas daquele se avanta notavelmente sobre a das do seu importante concorrente. Impressão que vejo confirmada na planta levantada por Castelnau,<sup>10</sup> que medindo a largura das duas caudais próximo à confluência, dá para o Rio São Lourenço 160 metros, e apenas 140 para o Cuiabá.

Seja como for, desde que se deixa o Rio Paraguai toma-se direção mais para leste, penetrando em cheio na vasta planície inundável referida pelos antigos viajantes e geógrafos com o nome de mar de Xaraies, e hoje quase exclusivamente conhecida como Grande Pantanal. Mais empolgante se torna desde então o cenário oferecido ao viajante ávido de impressões, tornando-se a viagem rio acima, especialmente para o ornitologista, uma fonte extraordinária de surpresas agradáveis e inesquecíveis emoções. A pestana de vegetação arbustiva, entremeada aqui e ali de árvores de maior porte, raramente permitia à vista espraiar-se pela vastidão do Pantanal; mas as perspectivas apresentadas ao naturalista pelas margens próximas faziam adivinhar a variedade e incrível abun-

(<sup>10</sup>) Francis Castelnau, *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud*, 5me Partie, "Géographie", Atlas, pl. 10 (Paris, 1853).

dância de aves ribeirinhas que povoam o vasto mar mediterrâneo, mormente nas épocas em que, como agora, passadas as chuvas copiosas do verão, e entrando as águas a diminuir por toda parte, não podem as lagoas rasas comportar a quantidade de peixe-peixe acumulado durante as cheias. Tendo já viajado pelo Amazonas, nada vi comparável sob esse ponto de vista à grandiosidade do espetáculo oferecido pelas ermas paragens banhadas pelos rios São Lourenço e Cuiabá. Porque, ao contrário do que acontece com o maior dos rios, ao envez de se ocultarem nos remotos furos e igarapés, de acesso vedado ao viajante comum, aqui os principais personagens da maravilhosa cena se mostram abertamente aos olhos do espectador, não havendo sequer a necessidade de pisar em terra, para melhor contemplá-los.

É particularmente ao cair da tarde que mais empolgantes se tornam as cenas da natureza para quem sobe os grandes rios do Pantanal. Bandos incontáveis de aves mergulhadoras e ribeirinhas acorrem de todos os lados, convergindo para a fronde das árvores mais altas, não raro, por este sacrifício, inteiramente despojadas de folhas. As de cada espécie preferem de ordinário a companhia de suas semelhantes, tingindo assim a ramagem de pontilhado uniforme. À passagem do barco, a multidão inquieta estremece, vacila e agita as asas, pronta a seguir o exemplo daquele que, mais prudente ou espantadiço ergue-se no ar, projetando nos céus claros a sua silhueta característica. As garças brancas (*Casmerodius albus egretta* Gmel.), obedecendo o estilo de sua numerosa parentela, dobram em S o longo pescoço, estiram as patas para traz em prolongamento à cauda curta, e fendem os ares em lento bater de asas, com o bico apontado para diante; os mergulhões, mais entroncados, pelo contrário, mantêm o pescoço quase direito, movendo as asas com mais rapidez e energia. São elas, as aves mergulhadoras da ordem dos pelicanos, as que ocupam o primeiro lugar em abundância; o biguá (*Phalacrocorax olivaceus* Humb.), cuja multidão compacta vemos se acotovelar nas árvores próximas, representa em nossas regiões o corvo marinho europeu. Habita indistintamente os estuários do litoral marítimo e as águas doces do interior. Sua multiplicação, às vezes descomedida, como no caso do porto de Laguna referido pelo Visconde de Taunay,<sup>11</sup> pode se tornar verdadeiro entrave à indústria da pesca. A anhinga, ou biguá-tinga (*Anhinga anhinga* Linn.), cujo número em certos lugares rivaliza com o do biguá, ao contrário deste, falta a beira-mar; também, à diferença d'ele, quando foge do perigo, prefere geralmente ao uso das asas o mergulho, em que são profissionais não

(11) Visconde de Taunay, "Paizagens brasileiras" ad. post. por Afonso de E. Taunay, Edit. Comp. Melhoramentos de São Paulo, 1926, pp. 126.

menos eméritos. Depois das mergulhadoras, no que toca a quantidade, vem a cegonha grande, ou passarão, cabeça-seca dos matogrossenses (*Mycteria americana* Linn.), de extraordinário efeito ornamental, quando de longe a vemos alvejar literalmente a copa de certas árvores escolhidas para pouso habitual. O jaburú é mais conhecido em todo Mato-Grosso por tuiú-iú (*Jabiru mycteria* (Licht.)); comparsa habitual do passarão, e porventura ainda mais vistoso, pareceu-nos todavia muito menos frequente. Quanto ao colhereiro (*Ajaia ajaia* (Linn.)), só raras vezes tivemos ensejo de avistá-lo. Isso parece justificar o receio de que já pese ameaça real à sua sobrevivência. Por felicidade, porém, onde o culto da Natureza conta com maior número de devotos, vem-se há alguns anos patrocinando uma campanha de proteção à esta magnífica pernalta, cuja história foi ultimamente traçada com maestria e arte por um distinto ornitologista norte-americano.<sup>12</sup> Anhumas também só em poucas ocasiões conseguimos lobrigar, predominando decididamente a tachá, ou anhuma-poca (*Chauna torquata* (Oken.)) sobre a anhuma propriamente dita (*Anhima cornuta* (Linn.)). Patos e marrecos só muito excepcionalmente tomavam parte na cena, reservada, como se vê, quase que tão somente às aves piscívoras. Entre estas, si quizessemos ser menos omissos, faltaria mencionar os martins-pescadores, cuja espécie maior (*Megaceryle torquata* (Linn.)), e aparentemente a mais comum, frequente de preferência os trechos onde a barranca íngreme do rio oferece sítio adequado à abertura das galerias horizontais, que lhe servem de ninho.

A 7 de abril, pela manhã, estacionamos várias horas na Fazenda São Pedro, margem esquerda do Rio Cuiabá, aproveitando o tempo propício para coligir alguns espécimes representativos dos passaros mais comuns, entre os quais a raça platina do canário da terra (*Sicalis flaveola pelzelni* Sclater), um cardinal (*Paroaria capitata* (Lafr. & d'Orb.)), e o migratório *Pyrocephalus rubinus* (Bodd.) de rutilante plumagem, conhecido algures pela alcunha expressiva de verão.

A viagem iá-se tornando mais difícil com a subida do rio, agora em franco período de vasante. O navio, em marcha cautelosa e lenta, aproximava-se às vezes tanto das margens que os viajantes viam-se obrigados a se defenderem da galharia, que se desfolhava, e se partia rumorosamente de encontro às colunas do convés. Por tudo isso, só a 10 de maio, uma quarta-feira, chegamos a Cuiabá.

Como ficou dito, não estava em nosso programa, estacionar nesta cidade mais que o tempo necessário ao prosseguimento da viagem até o Rio Arinos; mas, surpreendido pelos fatos, vimo-nos

(12) Robert P. Allens, "The roseate Spoonbill", publ. pela National Audubon Society, New York, 1942.

na contingência de estacionar nela durante algum tempo, ainda na esperança, depois infelizmente frustrada, de levar avante o projeto que nos havia desta feita trazido até aquela altura. Muito tempo precioso teríamos perdido então, não fôra o interesse demonstrado pelo Dr. Fenelon Müller, que nesse período de expectativa, cavalheirescamente nos facultou permanecer cerca de dez dias na Granja Santa Rita, de sua propriedade. Estávamos aí junto à margem esquerda do Rio Cuiabá, situação extremamente cômoda para os nossos trabalhos, pois que a vizinhança da ponte nos garantia acesso fácil à margem oposta, onde foram feitas repetidas excursões de coleta zoológica. Todos os arredores do lugar acham-se infelizmente muito despidos de vegetação, e, por muito frequentados, tão pouco próprios a achados de importância, quanto inadequados a qualquer tentativa de recenseamento zoológico da região.

A 26 de maio, ao cabo de uma permanência de quase dez dias na Granja, e verificada a impraticabilidade de alongar a expedição até o Arinos, onde grassava, além do mais, perigoso surto de febre palustre, valemo-nos da permissão concedida pelo Governo de Matto-Grosso para realizar uma excursão de coleta à fazenda Palmeiras, de propriedade do Estado, que nela havia instalado uma colônia correcional. Pertencera essa fazenda no século passado aos jesuitas, e a estes se deve a maior parte das benfeitorias que apresenta, inclusive a vasta e sôlidamente construída casa de sede. Hoje, transformada em presídio, desempenha papel prestante no abastecimento da capital, graças às plantações de hortaliças, e especialmente ao vasto bananeiral que cultivam os detentos, em regime de trabalho forçado. Não nos detivemos porém na sede da colônia, indo montar acampamento de trabalho no recanto conhecido por Monte Alegre, situado à distância aproximada de uma légua, e já muito próximo à escarpa ocidental do Planalto Central do Brasil, cujo perfil, descortinado de longe, corresponde ali ao que se convencionou chamar, impròpriamente, Serra de São Jerônimo, ou da Chapada. Ao contrário do que acontece nas cercanias de Cuiabá e em todo espaço, largo de quase cem quilômetros, que as separa de Palmeiras, a faixa de terras situada no sopé das montanhas é coberta de verdadeiras matas, de aspecto higrófilo,<sup>13</sup> entremeadas de extensos palmeirais nativos de coqueiro babaçu, (*Orbignia speciosa* Mart.). Essa imponente palmácea viça sômente na planície, em terreno seco, ao contrário do buriti, cujas folhas em leque traem de longe a presença de baixadas húmidas. Embora ti-

(13) Não temos notícia de que a fazenda de Palmeiras haja contribuído com espécimes zoológicos em época anterior à da Expedição do Depart. de Zoologia; mas o lugar foi visitado por Lindmann, distinto botânico, que em fins de 1893 percorreu a zona, colhendo material de sua especialidade.

OLIVÉRIO PINTO  
Notas de uma viagem fluvial a Cuiabá

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE E. GOELDI  
vol. X (1949)

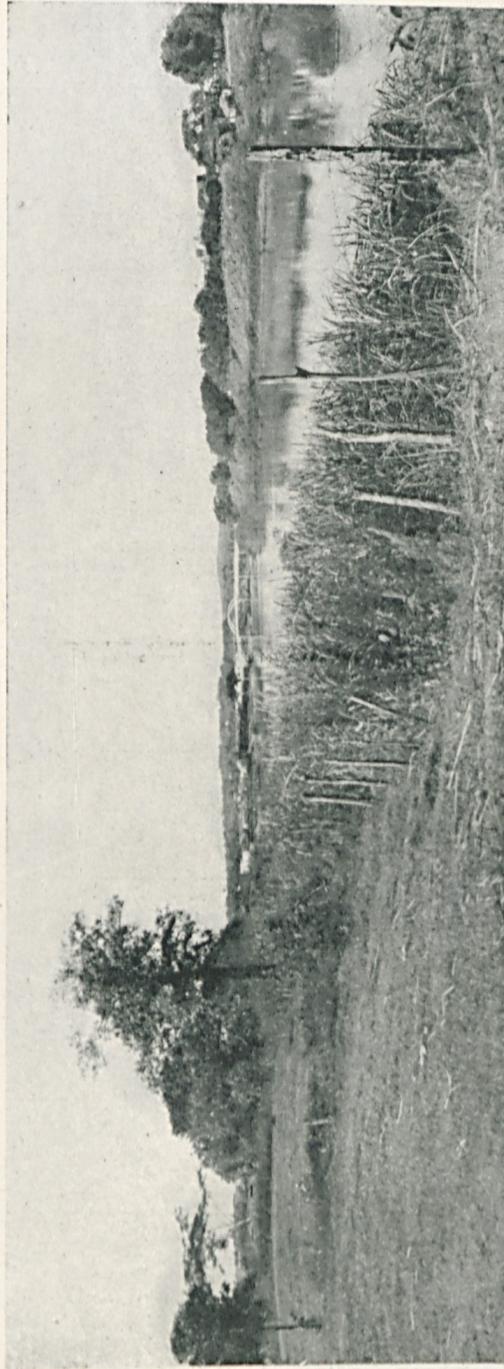


Fig. 5 — Rio Cuiabá, vendo-se a ponte que une à margem oposta o porto da cidade do mesmo nome  
(Foto O. Pinto, maio de 1944)

OLIVÉRIO PINTO  
Notas de uma viagem fluvial a Cuiabá

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE E. GOELDI  
vol. X (1949)

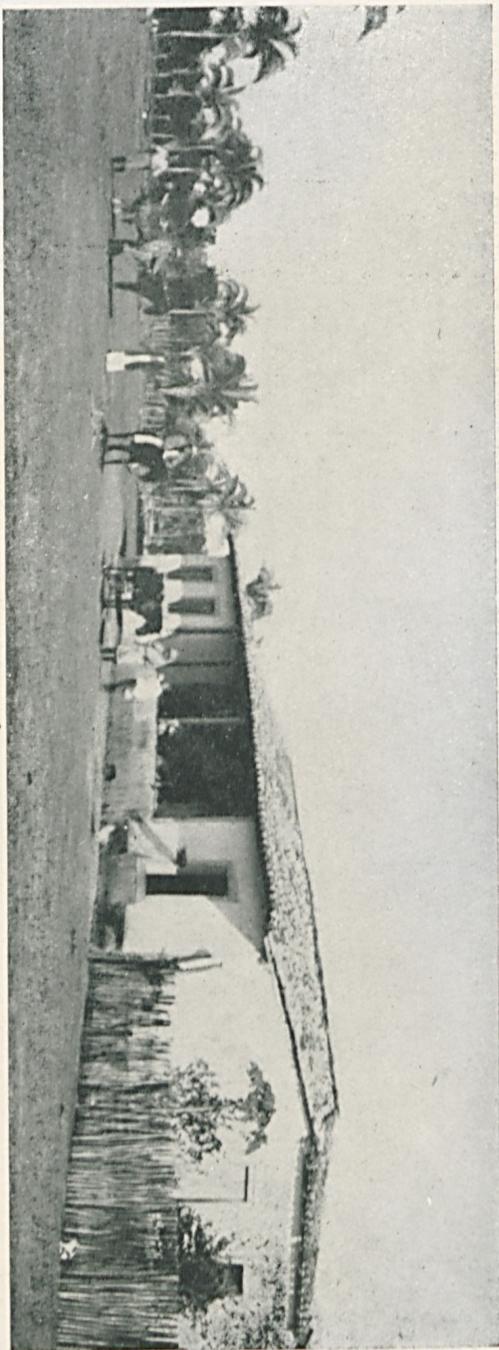


Fig. 6 — Junto à sede da Fazenda Aricá, os membros da comitiva preparam-se para uma excursão a cavalo  
(Foto O. Pinto, maio de 1944)

véssemos escolhido a mata como principal objetivo, boa parte da coleção ornitológica feita em Monte Alegre procede dos campos e cerrados, que começavam bruscamente a distância pequena de nosso acampamento de trabalho, estendendo-se para diante, sem limite visível. Todos os exemplares coligidos nesta estação, acusam no rótulo a procedência de Palmeiras, como os obtidos antes e depois nos arredores do presidio.

A 8 de junho, após 12 dias de permanência, deixamos o sítio de Monte Alegre, regressando à sede da fazenda, onde durante uma semana estivemos ocupados em reunir novos espécimes zoológicos, antes de conseguir condução para Cuiabá.

A viagem de regresso a Cuiabá, realizada ao cair da tarde do dia 15, apenas mereceria referência si não fosse a extraordinária frequência com que apareciam na estrada os lobinhos (*Canis thous azarae* Wied), abundantes e temidos que são em todos os arredores da zona povoada, pelos grandes estragos que fazem na criação miúda. Ofuscados pelos refletores do automóvel e incapazes de atinar com a salvadora fuga para além da esteira iluminada do caminho, alguns foram alvejados com facilidade, contribuindo de modo inesperado para melhorar a nossa coleção de Mamíferos, cuja melhor peça até então era um lindo macho adulto de "ourico", capturado vivo durante a derrubada de uma roça, na véspera de sairmos de Monte Alegre. Segundo C. Vieira,<sup>14</sup> a quem foi confiado o estudo dos representantes do referido grupo colecionados pela Expedição, o exemplar prova pertencer à espécie descrita por Thomas sob o nome de *Coendu centralis*, com base num espécime obtido em Chapada por A. Robert, há quase meio século.

Em Cuiabá passou a comitiva apenas uma noite, embarcando logo no dia seguinte com destino ao Rio Aricá-Mirim, cuja alta porção nos informaram abundante de boas matas. A passagem por Santo Antônio, povoado em cujas imediações o Autor já estivera colecionando anos antes, foi aproveitada para reunir mais alguns exemplares à série de Cuiabá, inclusive um casal de papagaio trombeteiro (*Amazona aestiva xanthopteryx* Berl.) que não se havia conseguido até então, e nem iríamos encontrar depois.

Nossa chegada à Barra do Aricá, à noitinha, ia assinalar-se por uma ocorrência merecedora de registro. Obtendo pouso na casa contígua ao porto, nossa atenção foi logo despertada pela presença de um morcego de inusitadas proporções, a voejar sob o teto de telha vã. O grande empenho que todos puzemos em perseguí-lo foi generosamente compensado pela captura de esplêndido exemplar de *Vampirus spectrum* Linn., o gigante da ordem dos

(14) C. Vieira, "Sobre uma coleção de mamíferos de Mato Grosso", Arquivos de Zoologia, vol. IV, pp. 395-429 (1945).

Quirópteros em nosso hemisfério, pois excede de muito em tamanho a qualquer outro, chegando a alcançar 70 cm. de envergadura. A espécie é conhecida de longa data; a princípio, sob a impressão provavelmente de seu porte agigantado e ameaçadora fisionomia, acreditou-se ser hematófaga. Lineu teve notícia dela através de Rolander, que viajou por Surinam (Guiana Holandesa); o nome que lhe apoz é assás expressivo e serviu para perpetuar aquela tradição errônea até os nossos dias. De há muito se sabe, porém, que só os membros da família *Desmodidae*, cuja distribuição abrange todo o Brasil, e especialmente as zonas de criação, desfrutam este triste privilégio, ultimamente agravado pela descoberta do papel que desempenham na transmissão da raiva entre os herbívoros. Têm os morcegos hematófagos porte relativamente pequeno e são faceis de reconhecer pelos seus incisivos centrais superiores, estreitamente contíguos, e caracteristicamente arqueados em foice cortante e pontiaguda. Quanto ao "vampiro", é corrente a suposição de que se sustenta principalmente de frutos; entretanto, observações feitas nestes últimos anos,<sup>15</sup> vieram tisar a inocência desse regimen alimentar, revelando a avidez com que indivíduos mantidos em cativeiro se lançam à carne de aves e pequenos mamíferos. Isso explica a presença habitual de penas e pequenos ossos no ôco dos troncos onde residem, e torna muito plausível a suposição de que o exemplar capturado na Barra do Aricá andasse à caça de outros morcegos menores, comuns no interior das habitações.

No dia 18 seguimos por terra para a Fazenda Aricá, que fica na margem do Rio Aricá-Mirim, a distância relativamente pequena de sua foz na margem esquerda do Cuiabá, e cerca de 60 quilômetros ao sul da cidade homônima. Como em Palmeiras, há neste sítio extensos babaçuzais acompanhando o vale do rio, cujas margens todavia de ordinário não atingem, sendo substituídos pela pestana de vegetação arbórea, e se rarefaz quase de todo quando a maior depressão do solo determina a formação de charcos, córregos ou lagoas. A distância variável do rio termina a mata e começa a planície seca dos campos intérminos, vestidos com sua vegetação subxerófila característica.<sup>16</sup>

Acampamos à beira de um babaçuzal adjacente à sede da Fazenda e desse ponto fizemos as nossas excursões diárias de coleta, explorando alternativamente os três ambientes acima refe-

(15) P. L. Ditmars, Bull. N. Y. Zool. Soc., XXXVIII, p. 213 (1935).

(16) Na qualificação dos diferentes tipos de vegetação por nós encontrados, tomamos como base a "Phytophysionomia de Matto Grosso" (Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1923), de F. C. Hoehne, que fez parte da Expedição Roosevelt-Rondon e por três vezes percorreu a zona ocidental do Estado em questão, a interesse de seus estudos botânicos e florísticos.

OLIVÉRIO PINTO

Notas de uma viagem fluvial a Cuiabá

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE E. GOELDI  
vol. X (1949)



Fig. 7 — Fazenda Aricá, vendo-se à esquerda o babaçucaal, e à direita, para além do cercado, os campos em que cresce à solta o rebanho bovino (Fotc. O. Pinto, julho de 1944)

OLIVÉRIO PINTO  
Notas de uma viagem fluvial a Cutabá

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE E. GOELDI  
vol. X (1949)



Fig. 8 — Ponta de gado e coqueiros da praia no terreiro da Fazenda Aricá, vendo-se ao fundo o babauçai  
(Foto O. Pinto, junho de 1944)

ridos, com preferência todavia pela mata, cuja fauna alada se apresentava sob certos pontos de vista mais interessante do que o de Palmeiras e, no que toca a Mamíferos, indubitavelmente mais rica.

Não eram, por exemplo, nada raros nas matas de Aricá os coatis, de que certo dia nos surpreendeu uma grande vara, a descer atropeladamente de elevado tronco. Os cinco exemplares trazidos, entregues a Vieira, serviram para a criação de uma raça particular, por ele chamada *Nasua nasua aricana*. Macacos foram vistos muito raramente. Os exemplares colecionados pertencem à espécie e raça *Cebus paraguayanus pallidus* Gray, peculiar a toda a bacia do Rio Paraguai; mas é quase certo que ocorrerá também outra espécie do mesmo gênero, por isso que Vieira reconheceu num casal obtido em Monte Alegre *Cebus macrocephalus* Spix. Em acrobacias nas folhagens, ou correndo velozes sobre os troncos, não eram raros os saguis (*Callithrix argentata melanura* E. Geoffr.), e os esquilos ou "caxinguelês" (*Hadroskiurus langsdorffii langsdorffii* (Brandt)), cujo comportamento já me havia ocorrido observar em data anterior na margem oposta a Santo Antônio.<sup>18</sup> Nos campos havia extraordinária abundância de tatuas, um dos quais (*Cabassous loricatus* (Pelzeln)) representa em Mato-Grosso o "tatu de rabo mole", e o "tatu cascudo" (*Euphractus sexcinctus gilvipes* (Licht.)), muito menor e peludo. Colecionou-se também um exemplar de "tamanduá-mirim", em que Vieira reconheceu a mesma variedade descrita em 1904 por J. A. Allen sob o nome de *Tamandua tetradactyla chapadensis*, com base no material colecionado por H. Smith.

Entre as aves que só fomos encontrar na Fazenda Aricá destacaremos o mutum. Na manhã do dia 23, vagando pela mata que sombreia o rio a pouca distância da sede, tivemos a atenção despertada pelo gemido cavo de um macho, cujo vulto não nos custou muito entrevêr no mais alto de copada árvore. Foi, por isso, com surpresa que reconhecemos uma fêmea adulta no exemplar abatido por nós. Logo porém, a um movimento da folhagem, percebíamos que o primeiro ainda lá estava, sem se dar conta até então do que houvera acontecido à desditosa companheira. Falhou todavia a tentativa de o juntarmos também à nossa coleção. Durante muitos dias voltamos a encontrar, naquele mesmo ponto, o desolado esposo; mas, de ouvidos sempre alerta, erguia estrepitosamente o vôo, mal o roçar de alguma folha, ou crepitar de galho seco, o advertisse de nossa traiçoeira aproximação. Os mutuns de Mato-Grosso pertencem à mesma espécie (*Crax fasciolata* Spix), de raiz do bico vermelha, outrora comum nos grandes rios do interior de

(17) C. de C. Vieira, op. cit., pp. 404.

(18) Pinto, "Nova contrib. à Orn. de Matto-Grosso", Arquivos de Zoologia, II, pp. 4 (1941).

São Paulo, e entre as suas congêneres a que gosa de mais larga distribuição. Sem falar no cada vez mais raro “mutum de bico amarelo” (*Crax blumenchii* Spix), que ainda vive nas matas mais fechadas da faixa litorânea compreendida entre o sul da Bahia e o Espírito Santo, é a única espécie do gênero encontrada fora da Amazônia, onde também ocorre, ao lado de outras.

Do ponto em que estávamos acampados, no limiar da mata, ouvíamos todas as madrugadas a voz cavernosa e lúgubre do “jucurutu” (*Bubo virginianus nacurutu* (Vieillot)), nome típico do grande corujão de orelhas. Passa ele ali o dia escondido entre as palmas dos babaçus mais sombrios, onde só olhos muito bons e experimentado tirocinio logram descobri-lo. Nestas circunstâncias foram caçados os dois exemplares trazidos pela Expedição.

Enquanto estivemos em Palmeiras, ou seja até meados de junho, nunca notamos a voz conhecida dos jaós (*Crypturellus undulatus undulatus* (Temminck)), embora fossem comuns, especialmente no sítio de Monte Alegre. Já em Aricá não só os ouvimos cantar com frequência cada vez maior, como surtia também efeito o expediente de atraí-los, imitando-lhes a sonora e dolente toada de três notas. A despeito da flagrante diferença de aspecto da plumagem, há grande semelhança entre o canto do jaó do Brasil central (inclusive o oeste de São Paulo) e o do zabelê das matas do sul da Bahia e Espírito Santo. Não se admirará pois que o zabelê (*Crypturellus noctivagus noctivagus* (Wied.)), que também existe na parte leste de São Paulo, seja conhecido em toda a porção meridional de sua área geográfica pela mesma onomatopéia de “jaó”, ou sua variante “juó”.

Em Aricá tivemos sempre a atenção voltada para as araras, curioso de verificar quais as espécies encontradas nessa região, bem diversa sob alguns aspectos da de Campo Grande e Aquidaua, que de outra feita percorremos. Contudo, entre os representantes maiores do gênero, só para os quais o homem do sertão reserva o nome propriamente de araras, outra não vimos além da chamada “canindé” (*Ara ararauna* (Linn.)), de costas azuis e lado inferior amarelo. Em bandos muito numerosos nunca as vimos; mas, aos casais, ou em pequenos grupos, frequentavam as proximidades do acampamento, dirigindo-se invariavelmente para a copa dos babaçus isolados. Dir-se-ia que a espécie é até certo ponto satélite dessa palmeira, como a ararauna (*Anodorhynchus hyacinthinus* (Lath.)) o é dos buritizais de Coxim e Rio das Almas (Goiaz).<sup>19</sup> A outra espécie encontrada (*Ara auricollis* Cassin), toda verde, com o pescoço caracteristicamente ornado de um semi-

(<sup>19</sup>) Vide Pinto, “Contribuição à Ornithologia de Goiaz”, em Revista do Museu Paulista, vol. XX, pp. 18 e 55 (1936).

colar amarelo-dourado, pertence ao grupo das maracanãs, e é também bastante comum ao longo dos rios, inclusive nos arredores de Cuiabá.

Entre os fundos da casa sede da fazenda e o Rio Aricá-Mirim estendia-se um trecho em declive suave, entremeadado de córregos e charcos. Esse era o sítio procurado por várias espécies próprias do Pantanal, entre elas a "curicaca" (*Theristicus caudatus caudatus* (Boddaert)) e o chamado "maçarico real" (*Harpiprion caerulelescens* (Vieill.)), de que exemplares foram colecionados a 21 de junho. Nas margens apaúladas estavam o dia todo os sombrios "tapicurus" (*Mesembrinibis cayennensis* (Gmelin)) a verrumar com o longo e assovelado bico, ao passo que nas árvores em torno empoleirava-se o "gavião preto" (*Hypomorphnus urubitinga urubitinga* (Gmelin)), de que na manhã de 22 abatemos um belo exemplar. Longe do acampamento, num virente capão de mato refrescado por ténue fio dagua, colecionamos lindos espécimes de "pomba torcaz" (*Columba picazuro picazuro* Temminck), o maior de nossos pombos silvestres. Aí mesmo, oculto entre as folhas de árvore umbrosa, abatemos também sonolento "socó dorminhoco" (*Nycticorax nycticorax hoactli* (Gmelin)), espécie noturna de vasta dispersão na América tropical e temperada.

A 5 de julho, como nos parecesse pouco interessante prolongar a permanência na Fazenda Aricá, demos por findos os trabalhos da Expedição. A 6 já nos achávamos de volta às margens do rio, onde chegamos à noitinha, de canôa. Antes de saltar, como algo nos despertasse a atenção por entre os arbustos que cobriam a barranca, houve ainda ensejo de garantir para a coleção ornitológica três exemplares adultos da curiosa garça de bico em forma de concha (*Cochlearius cochlearia* (Linn.)), que segundo Marcgrave era conhecida entre os índios por "tamatiá", e hoje chamam correntemente de "arapapá".

## II. LISTA SISTEMÁTICA DAS AVES COLECIONADAS

Apresentamos aqui, sob a forma que mais cômoda se nos afigura para comparação, o inventário das espécies e subespécies de aves coligidas durante a Expedição em Mato-Grosso, com a discriminação das procedências e o número de exemplares pertinentes a cada qual. Pareceu-nos de grande conveniência para os fins em vista fazer figurar também nele as coligidas por nós em Cuiabá e Chapada entre setembro e outubro de 1937, visando com isto apresentar lista mais completa das avifaunas respectivas, como salientar discrepâncias ligadas à diferença dos meses a que correspondem, e como tais porventura merecedoras de reparo particular. A propósito poderemos citar o exemplo, sem dúvida interessante,

do elegante tirânida comumente apelidado de “tesoura” (*Muscivora tyrannus tyrannus* (Linn.)), cuja migração para o sul já assistimos em Chapada nos primeiros dias de outubro, e agora, em fins do primeiro semestre, não haviam sequer começado a aparecer. Por motivos da mesma ordem, ampliamos a série de Corumbá, a ela anexando os espécimes colecionados em 1917 por E. Garbe.<sup>20</sup>

Deixamos de parte as aves cuja ocorrência nas zonas visitadas só nos é conhecida através da literatura do ramo, pois de outro modo haveria a necessidade de contornar mais de uma dificuldade, inclusive as oriundas das alterações sofridas pela avifauna com o correr dos anos. Pois se é certo que poderíamos perfeitamente alicerçar conclusões engrossando a lista das aves de Corumbá com as obtidas, digamos recentemente, em Urucum, Água Branca e Piraputanga por colecionadores outros, já o mesmo não ousaríamos dizer das colhidas em Cuiabá por Natterer, um século atrás. Sem embargo, quem por exemplo se proponha a adquirir ideia mais completa da avifauna da Chapada não poderá prescindir do estudo das colecções feitas ali, e na vizinha fazenda de Abrilongo, por Herbert Smith, há perto de setenta anos.

A nomenclatura seguida na lista é a do “Catálogo das Aves do Brasil” publicado pelo Autor.

ESPÉCIES	LOCALIDADES			
	Corumbá	Cuiabá	Palmeiras	Rio Aricá
<i>Chauna cristata</i> .. .. .	—			
<i>Crypturellus undulatus undulatus</i> .. .. .	—		—	7
<i>Crypturellus tataupa tataupa</i> .. .. .	—			
<i>Pilherodius pileatus</i> .. .. .	—	1		
<i>Nycticorax nycticorax hoactli</i> .. .. .				1
<i>Tigrisoma lineatum marmoratum</i> .. .. .	2			
<i>Cochlearius cochlearia</i> .. .. .				(3)
<i>Mycteria americana</i> .. .. .				1
<i>Euxenura galeata</i> .. .. .	—			
<i>Harpiprion caerulescens</i> .. .. .	—			1

(<sup>20</sup>) O uso do grifo para os nomes das formas não representadas na coleta feita pela atual Expedição torna muito fácil separá-las à primeira vista das conseguidas pela última. Também, só das aves colecionadas em 1944, como sejam a base principal do presente trabalho, se fornece o número de exemplares coligidos; para as demais foi colocado apenas um traço, na coluna relativa à localidade de colecta. Na concernente a Palmeiras, título que engloba o sítio de Monte Alegre, indicaram-se também por um traço as formas obtidas anteriormente em Sant’Ana da Chapada, visto não haver praticamente diferença entre as avifaunas respectivas.

ESPÉCIES	LOCALIDADES			
	Corumbá	Cuiabá	Palmeiras	Rio Aricá
<i>Theristicus caudatus caudatus</i> .. .. .				2
<i>Mesembrinibis cayennensis</i> .. .. .			1	2
<i>Dendrocygna viduata viduata</i> .. .. .	—			
<i>Phimosus infuscatus nudifrons</i> .. .. .	—			
<i>Accipiter bicolor pileatus</i> .. .. .		1		
<i>Heterospizias meridionalis meridionalis</i> .. .. .	—	2	1	1
<i>Buteo albicaudatus albicaudatus</i> .. .. .	—			
<i>Buteo magnirostris magniplumis</i> .. .. .		2	3	1
<i>Buteo magnirostris superciliaris</i> .. .. .	6			
<i>Buteola brachyura</i> .. .. .	—			
<i>Asturina nitida nitida</i> .. .. .			1	
<i>Leucopternis albicollis albicollis</i> .. .. .			2	
<i>Hypomorphnus urubitinga urubitinga</i> .. .. .				1
<i>Busarellus nigricollis nigricollis</i> .. .. .	1			1
<i>Spizastur melanoleucus</i> .. .. .		1		
<i>Geranospiza caerulescens gracilis</i> .. .. .	1	1		
<i>Herpetotheres cachinnans queribundus</i> .. .. .	—		2	1
<i>Rostrhamus sociabilis sociabilis</i> .. .. .	—	—		
<i>Ictinia plumbea</i> .. .. .	—			
<i>Micrastur gilvicollis</i> .. .. .			1	
<i>Milvago chimachima chimachima</i> .. .. .	—		—	1
<i>Polyborus plancus brasiliensis</i> .. .. .				1
<i>Gampsonyx swainsonii swainsonii</i> .. .. .				1
<i>Falco albigularis albigularis</i> .. .. .	—		1	
<i>Falco fusco-caerulescens fusco-caerulescens</i> .. .. .				1
<i>Falco deiroleucus</i> .. .. .		—		
<i>Cerchneis sparveria australis</i> .. .. .	1	1	(4)	1
<i>Crax fasciolata fasciolata</i> .. .. .	—			2
<i>Penelope superciliaris jacupemba</i> .. .. .			(1)	
<i>Ortalis canicollis pantanalensis</i> .. .. .	—			
<i>Aramus scolapaceus carau</i> .. .. .	—			
<i>Aramides cajanea cajanea</i> .. .. .	1			1
<i>Heliornis fulica</i> .. .. .				1
<i>Eurypyga helias helias</i> .. .. .			1	1
<i>Jacana spinosa jacana</i> .. .. .	1		1	
<i>Belonopterus chilensis lampronotus</i> .. .. .		1		
<i>Hoploxypterus cayanus</i> .. .. .	2			
<i>Tringa solitaria solitaria</i> .. .. .		—	—	
<i>Columba picazuro picazuro</i> .. .. .		1		3
<i>Columba cayennensis sylvestris</i> .. .. .			—	1
<i>Zenaidura auriculata chrysauchenia</i> .. .. .	2	1		
<i>Scardafella squammata squammata</i> .. .. .	1			

ESPÉCIES	LOCALIDADES			
	Corumbá	Cuiabá	Palmeiras	Rio Aricá
<i>Columbigallina minuta minuta</i> .. .. .	1			
<i>Columbigallina talpacoti talpacoti</i> .. .. .	—	3	—	1
<i>Columbina picui picui</i> .. .. .	4	5		
<i>Uropelia campestris</i> .. .. .		—		2
<i>Leptotila verreauxi decipiens</i> .. .. .	5	3		2
<i>Coccyzus melacoryphus</i> .. .. .	1		—	
<i>Piaya cayana cabanisi</i> .. .. .	3	—	(2)	
<i>Coccyua rufila rufila</i> .. .. .				1
<i>Tapera naevia chochi</i> .. .. .	1			
<i>Dromococcyx phasianellus</i> .. .. .			—	
<i>Crotophaga ani</i> .. .. .	1	—		
<i>Guira guira</i> .. .. .	1	1		1
<i>Ara ararauna</i> .. .. .				2
<i>Ara auricollis</i> .. .. .	2	4		
<i>Diopsittaca nobilis longipennis</i> .. .. .		2	4	2
<i>Aratinga leucophthalma leucophthalma</i> .. .. .	1		—	
<i>Aratinga aurea aurea</i> .. .. .		3		2
<i>Pyrrhura molinae molinae</i> .. .. .	—			
<i>Pyrrhura hypoxantha</i> .. .. .	—			
<i>Myiopsitta monachus cotorra</i> .. .. .	2			
<i>Tirica chiriri</i> .. .. .	2	3	1	
<i>Amazona aestiva xanthopteryx</i> .. .. .		(2)		
<i>Amazona xanthops</i> .. .. .				6
<i>Pionus maximiliani siy</i> .. .. .	3			
<i>Bubo virginianus nacurutu</i> .. .. .				2
<i>Otus choliba decussatus</i> .. .. .	—			
<i>Speotyto cunicularia grallaria</i> .. .. .			—	
<i>Glaucidium brasilianum brasilianum</i> .. .. .	1	2	3	
<i>Podager nacunda nacunda</i> .. .. .		—		
<i>Nyctidromus albicollis derbyanus</i> .. .. .	—			1
<i>Anisoterus pretrei</i> .. .. .			—	
<i>Pygmornis nattereri</i> .. .. .			1	
<i>Eupetomena macroura macroura</i> .. .. .	1	1	2	1
<i>Agyrtrina versicolor versicolor</i> .. .. .			1	
<i>Agyrtrina fimbriata nigricauda</i> .. .. .		4		
<i>Hylocharis chrysura</i> .. .. .	2		2	
<i>Chlorostilbon aureoventris aureoventris</i> .. .. .	2			
<i>Thalurania furcata baeri</i> .. .. .			11	1
<i>Colibri serrirostris</i> .. .. .			—	
<i>Anthracothorax nigricollis nigricollis</i> .. .. .			1	
<i>Polytmus guainumbi thaumantias</i> .. .. .				1
<i>Heliomaster furcifer</i> .. .. .			2	1

ESPÉCIES	LOCALIDADES			
	Corumbá	Cuiabá	Palmeiras	Rio Aricá
<i>Calliphlox amethystina</i> .. .. .	—			
<i>Trogonurus variegatus behni</i> .. .. .	2	(5)		4
<i>Chloroceryle amazona</i> .. .. .	1			
<i>Chloroceryle americana mathewsi</i> .. .. .			1	1
<i>Momotus momota pilcomajensis</i> .. .. .	—		(4)	1
<i>Galbula rufoviridis rufoviridis</i> .. .. .		1	3	
<i>Nystalus maculatus pallidigula</i> .. .. .	4,(2)			
<i>Nystalus chacuru chacuru</i> .. .. .			(4)	
<i>Monasa nigrifrons nigrifrons</i> .. .. .			5	
<i>Chelidoptera tenebrosa tenebrosa</i> .. .. .			1	
<i>Ramphastos toco</i> .. .. .	1	3		1
<i>Ramphastos vitellinus culminatus</i> .. .. .			(1)	
<i>Pteroglossus castanotis australis</i> .. .. .	—		(6)	
<i>Tripsurus cruentatus</i> .. .. .			7	
<i>Leuconerpes candidus</i> .. .. .	1	2		
<i>Piculus chrysochloros chrysochloros</i> .. .. .	—	1		
<i>Chrysoptilus melanochloros nattereri</i> .. .. .	2	2		1
<i>Celeus lugubris lugubris</i> .. .. .	2		(3)	1
<i>Ceophloeus lineatus lineatus</i> .. .. .	—		4	
<i>Scapanus rubricollis trachelopyrus</i> .. .. .			4	
<i>Scapanus melanoleucos melanoleucos</i> .. .. .	—		2	2
<i>Veniliornis passerinus olivinus</i> .. .. .	2	1	(6)	2
<i>Picumnus guttifer</i> .. .. .			1	
<i>Picumnus albosquamatus corumbanus</i> .. .. .	—			
<i>Dendrocolaptes platyrostris intermedius</i> .. .. .			2	3
<i>Dendrocolaptes picumnus pallescens</i> .. .. .	3			
<i>Xiphocolaptes major castaneus</i> .. .. .	3			
<i>Xiphocolaptes major remoratus</i> .. .. .				7
<i>Dendroplex picus kienerii</i> .. .. .		1	2	2
<i>Xiphorhynchus guttatus d'orbignyanus</i> .. .. .	—		11	2
<i>Lepidocolaptes angustirostris bivittatus</i> .. .. .	8	3	2	6
<i>Campylorhamphus trochilirostris lafresnayanus</i> .. .. .	2	—		1
<i>Sittasomus griseicapillus griseicapillus</i> .. .. .	3		(9)	1
<i>Furnarius rufus commersoni</i> .. .. .	4	2,(1)		
<i>Furnarius leucopus assimilis</i> .. .. .	3,(1)	4		
<i>Schoeniophylax phryganophila phryganophila</i> .. .. .		1		
<i>Synallaxis frontalis frontalis</i> .. .. .			(1)	
<i>Synallaxis albescens albescens</i> .. .. .			3	1
<i>Synallaxis gujanensis albilora</i> .. .. .	2	1		
<i>Certhiaxis cinnamomea russeola</i> .. .. .	—	—		
<i>Cranioleuca vulpina vulpina</i> .. .. .				3
<i>Phacellodomus rufifrons sincipitalis</i> .. .. .	2	5	1	

ESPÉCIES	LOCALIDADES			
	Corumbá	Cuiabá	Palmeiras	Rio Aricá
<i>Phacellodomus ruber</i> .. .. .	3	2		
<i>Pseudoseisura cristata unirufa</i> .. .. .		1		1
<i>Philydor rufus chapadensis</i> .. .. .			—	
<i>Xenops rutilans chapadensis</i> .. .. .				2
<i>Lochmias nematura nematura</i> .. .. .			—	
<i>Taraba major major</i> .. .. .	7,(1)	4,(1)	1	2
<i>Thamnophilus doliatus radiatus</i> .. .. .	3	12	1	
<i>Tamnophilus punctatus sticturus</i> .. .. .	7			
<i>Tamnophilus punctatus pelzelni</i> .. .. .			(10)	
<i>Dysithamnus mentalis affinis</i> .. .. .			(14)	2
<i>Melanopareia torquata rufescens</i> .. .. .			1	
<i>Myrmorchilus strigilatus suspicax</i> .. .. .	1			
<i>Herpsilochmus pileatus atricapillus</i> .. .. .	1			
<i>Herpsilochmus longirostris</i> .. .. .			2	2
<i>Formicivora rufa rufatra</i> .. .. .		3	3	3
<i>Cercomacra melanaria</i> .. .. .		3		
<i>Pyriglena leuconota maura</i> .. .. .	—		3	
<i>Hypocnemoides maculicauda maculicauda</i> .. .. .				7
<i>Corythopsis deladandi</i> .. .. .			(4)	
<i>Attila bolivianus bolivianus</i> .. .. .		—		
<i>Pseudattila phoenicurus</i> .. .. .	1			
<i>Casiornis rufa</i> .. .. .	6	2	(3)	2
<i>Pachyramphus viridis viridis</i> .. .. .	2	4		
<i>Pachyramphus polychopterus spixii</i> .. .. .	1			1
<i>Tityra cayana brasilensis</i> .. .. .	—		2	
<i>Tityra semifasciata semifasciata</i> .. .. .			3	
<i>Tityra inquisitor pelzelni</i> .. .. .	2		2	
<i>Pipra fasciicauda scarlatina</i> .. .. .	—		(9)	1
<i>Machaeropterus pyrocephalus</i> .. .. .			—	
<i>Antilophia galeata</i> .. .. .		1	—	
<i>Neopelma pallescens</i> .. .. .			(5)	
<i>Xolmis cinerea</i> .. .. .	1	3	(1)	
<i>Xolmis velata</i> .. .. .				5
<i>Xolmis irupero irupero</i> .. .. .	1			
<i>Knipolegus lophotes</i> .. .. .			—	
<i>Entotriccus striaticeps</i> .. .. .	2			
<i>Fluvicola pica albiventer</i> .. .. .	3	1	—	1
<i>Arundinicola leucocephala</i> .. .. .		—		
<i>Pyrocephalus rubinus rubinus</i> .. .. .	5,(1)	3,(2)	(2)	
<i>Satrapa icterophrys icterophrys</i> .. .. .		—		
<i>Machetornis rixosa rixosa</i> .. .. .	4	1		2
<i>Muscivora tyrannus tyrannus</i> .. .. .	—		—	

ESPÉCIES	LOCALIDADES			
	Corumbá	Cuiabá	Palmeiras	Rio Aricá
<i>Tyrannus melancholicus melancholicus</i> .. ..	4	—	—	
<i>Empidonax aurantio-atro-cristatus aurantio-atro-cristatus</i> .. ..	—	—	—	
<i>Sirystes sibilator atimastus</i> .. ..			1	
<i>Myiodynastes solitarius</i> .. ..	—		—	
<i>Megarynchus pitangua pitangua</i> .. ..	2	1	(1)	
<i>Myiozetetes cayanensis cayanensis</i> .. ..	1	1		
<i>Pitangus sulphuratus maximiliani</i> .. ..	3	1		
<i>Pitangus lictor lictor</i> .. ..				2
<i>Myiarchus tyrannulus tyrannulus</i> .. ..	7	4	4	3
<i>Miyarchus swainsoni pelzelni</i> .. ..	1			
<i>Myiarchus ferox australis</i> .. ..	1	2	4	
<i>Empidonax euleri euleri</i> .. ..			4	
<i>Cnemotriccus fuscatus bimaculatus</i> .. ..	4	3	(6)	
<i>Myiophobus fasciatus flammiceps</i> .. ..		1		
<i>Platyrinchus mystaceus bifasciatus</i> .. ..			(2)	
<i>Tolmomyias sulphureus pallescens</i> .. ..	3	3	(1)	
<i>Todirostrum cinereum colereum</i> .. ..	2	4		
<i>Todirostrum latirostre ochropterum</i> .. ..	1	2	1	1
<i>Euscarthmornis striaticollis obscuriceps</i> .. ..		—	3	1
<i>Euscarthmornis margaritaceiventer margaritaceiventer</i> .. ..	1	7		1
<i>Capsiempis flaveola flaveola</i> .. ..			1	
<i>Euscarthmus meloryphus meloryphus</i> .. ..	1	1	3	1
<i>Euscarthmus rufomarginatus</i> .. ..			1	
<i>Serpophaga inornata</i> .. ..	7		2	1
<i>Xenopsaris albinucha albinucha</i> .. ..	1			
<i>Elaenia flavogaster flavogaster</i> .. ..		2	(1)	
<i>Elaenia spectabilis spectabilis</i> .. ..	—			
<i>Elaenia chiriquensis albivertex</i> .. ..			2	
<i>Elaenia albiceps chilensis</i> .. ..			—	
<i>Elaenia mesoleuca</i> .. ..		2	1	
<i>Myiopagis gaimardii gaimardii</i> .. ..			6	
<i>Myopagis viridicata viridicata</i> .. ..		1		
<i>Suiriri suiriri</i> .. ..	1			
<i>Suiriri affinis affinis</i> .. ..			—	
<i>Sublegatus modestus modestus</i> .. ..	2	2	3	2
<i>Phaeomyias murina murina</i> .. ..	2	—		
<i>Camptostoma obsoletum obsoletum</i> .. ..	2,(1)	3	2	
<i>Pipromorpha oleaginea chloronota</i> .. ..			1	
<i>Progne chalybea domestica</i> .. ..		(1)	3	1
<i>Stelgidopteryx ruficollis ruficollis</i> .. ..	2			2

ESPÉCIES	LOCALIDADES			
	Corumbá	Cuiabá	Palmeiras	Rio Aricá
<i>Pygochelidon cyanoleuca cyanoleuca</i> .. .. .				2
<i>Cyanocorax chrysops chrysops</i> .. .. .	6			
<i>Cyanocorax cyanomelas</i> .. .. .	6	2	(1)	
<i>Uroleuca cristatella</i> .. .. .			—	
<i>Heleodytes unicolor</i> .. .. .	4,(1)	3	1	1
<i>Thryothorus guarayanus</i> .. .. .	2,(1)			
<i>Thryothorus leucotis rufiventris</i> .. .. .		3		4
<i>Thryothorus genibarbis intercedens</i> .. .. .			3	1
<i>Troglodytes musculus musculus</i> .. .. .	4	2	2	5
<i>Mimus saturninus frater</i> .. .. .		1	(1)	1
<i>Mimus triurus</i> .. .. .	12	1		
<i>Donacobius atricapillus atricapillus</i> .. .. .		—		
<i>Turdus albicollis paraguayensis</i> .. .. .			1	
<i>Turdus amaurochalinus</i> .. .. .	4	—	2	1
<i>Turdus leucomelas leucomelas</i> .. .. .		1	(7)	?
<i>Turdus rufiventris rufiventris</i> .. .. .	1	4		1
<i>Polioptila dumicola dumicola</i> .. .. .	1			
<i>Polioptila dumicola berlepschi</i> .. .. .		5	3	3
<i>Vireo chivi chivi</i> .. .. .	—		—	
<i>Cyclarhis gujanensis cearensis</i> .. .. .	3	6	(1)	
<i>Cyanerpes cyaneus cyaneus</i> .. .. .		—		
<i>Coereba flaveola alleni</i> .. .. .		3	1	
<i>Conirostrum speciosum speciosum</i> .. .. .	2	5		3
<i>Compsothlypis pitiayumi pitiayumi</i> .. .. .	3	4	2	
<i>Geothlypis aequinoctialis velata</i> .. .. .	2	4	4	
<i>Basileuterus flaveolus flaveolus</i> .. .. .		—	—	
<i>Basileuterus hypoleucus</i> .. .. .			(7)	
<i>Tersina viridis viridis</i> .. .. .			—	
<i>Tanagra chlorotica serryrostris</i> .. .. .	4	7	1	
<i>Tanagra laniirostris laniirostris</i> .. .. .			3	
<i>Tangara cayana margaritae</i> .. .. .			—	
<i>Thraupis sayaca sayaca</i> .. .. .	6	5,(2)	—	
<i>Thraupis palmarum palmarum</i> .. .. .		1	1	1
<i>Ramphocelus carbo centralis</i> .. .. .	(1)	4,(1)	(3)	
<i>Piranga flava saira</i> .. .. .			3	
<i>Tachyphonus rufus</i> .. .. .		1	7	!
<i>Tachyphonus cristatus madeirae</i> .. .. .			1	
<i>Tachyphonus luctuosus luctuosus</i> .. .. .			5	
<i>Eucometis penicillata albicollis</i> .. .. .			7	
<i>Cypsnagra hirundinacea hirundinacea</i> .. .. .			(1)	
<i>Nemosia pileata paraguayensis</i> .. .. .	5	3	—	2
<i>Hemithraupis guira guira</i> .. .. .			(2)	4

ESPÉCIES	LOCALIDADES			
	Corumbá	Cuiabá	Palmeiras	Rio Aricá
<i>Neothraupis fasciata</i> .. .. .			—	
<i>Schistochlamys melanopsis olivina</i> .. .. .			—	3
<i>Ostinops decumanus maculosus</i> .. .. .	4		—	
<i>Cacicus cela cela</i> .. .. .	—	1	5	
<i>Archiplanus solitarius</i> .. .. .	3,(1)	—		
<i>Molothrus bonariensis bonariensis</i> .. .. .	1	3	1	
<i>Icterus cayanensis periporphyrus</i> .. .. .		3	2	3
<i>Icterus cayanensis pyrrhopterus</i> .. .. .	6			
<i>Icterus croconotus</i> .. .. .		2		1
<i>Agelaius cyanopus</i> .. .. .	1	—		
<i>Amblyramphus holosericeus</i> .. .. .	—			
<i>Gnorimopsar chopi chopi</i> .. .. .		1	1	3
<i>Saltator maximus maximus</i> .. .. .			(5)	
<i>Saltator similis similis</i> .. .. .		1		
<i>Saltator caerulescens caerulescens</i> .. .. .	7	3		
<i>Saltator atricollis</i> .. .. .			7	1
<i>Paroaria coronata</i> .. .. .	5			
<i>Paroaria capitata</i> .. .. .	5	(3)		2
<i>Sporophila leucoptera leucoptera</i> .. .. .		2	1	
<i>Sporophila collaris melanocephala</i> .. .. .	—			
<i>Sporophila caerulescens caerulescens</i> .. .. .			—	
<i>Oryzoborus angolensis angolensis</i> .. .. .			2	
<i>Volatinia jacarina jacarina</i> .. .. .	1			
<i>Sicalis citrina citrina</i> .. .. .			—	
<i>Sicalis flaveola pelzelni</i> .. .. .		5,(3)		2
<i>Coryphospingus cucullatus rubescens</i> .. .. .	4	3	(2)	
<i>Arremon taciturnus taciturnus</i> .. .. .			(1)	
<i>Arremon flavirostris polionotus</i> .. .. .	1	2	—	
<i>Myospiza humeralis humeralis</i> .. .. .			(4)	
<i>Zonotrichia capensis matutina</i> .. .. .			(1)	1
<i>Emberizoides herbicola herbicola</i> .. .. .			(1)	

### III. NOTAS CRÍTICAS SOBRE O MATERIAL COLHIDO PELA EXPEDIÇÃO

Da análise dessa tabela comparativa é possível extrair dados úteis ao melhor conhecimento dos problemas zoogeográficos referentes à avifauna do Rio Paraguai, especialmente no que tange às suas relações com as do resto do Brasil em geral, e a do Planalto Central em particular.

Na série de Corumbá, representativa da ornis do baixo Para-

guai, chamam desde logo a atenção seus liames estreitos com a avifauna do Chaco, nome dado à vasta e árida planície de que participam o norte do Paraguai, o nordeste extremo da Argentina e o sudeste da Bolívia.<sup>21</sup> Entre os testemunhos desta asserção podemos citar o gênero *Entotriccus*, cuja única espécie, *E. striaticeps*, representante legítimo da ornithofauna chacoense,<sup>22</sup> é completamente estranha a toda a bacia fluvial situada a montante. *Myrmorchilus strigilatus suspicax* é outro exemplo assás interessante das referidas relações, em que pese a presença de uma forma coespecífica nas zonas secas do nordeste brasileiro, correntemente conhecidas pela denominação típica de caatingas. *Xolmis irupero irupero*, apresenta grande analogia com o caso precedente, enquanto que *Xenopsaris albinucha albinucha*, que acusa a mesma origem, apenas difere pela ausência de qualquer variação geográfica apreciável entre as suas populações chacoenses e nordestinas. *Pyrrhura hypoxantha* e *Thryothorus guarayanus* são, por igual, formas tomadas por assim dizer de empréstimo à avifauna paraguaia e de distribuição limitada no Brasil aos arredores de Corumbá.

A essas ligações com a avifauna do Chaco se prendem muitas peculiaridades da fauna alada de Corumbá, que a despeito da uniformidade das condições climáticas e mesológicas, experimenta mudança progressiva à medida que se sobe o curso dos rios principais, em direção à capital mato-grossense. Sob este ponto de vista, entre as espécies peculiares a Corumbá, merecem destaque aquelas que, como *Pionus maximiliani*, *Nystalus maculatus*, *Dendrocolaptes picumnus* e *Herpsilochmus pileatus*, se acham representadas na latitude de Cuiabá por outras tantas formas irmãs, quais sejam, no caso dos exemplos há pouco citados, *Pionus menstruus*, *Nystalus chacuru*, *Dendrocolaptes platyrostris* e *Herpsilochmus longirostris*. Não menos importante é o caso daquelas espécies, bastante numerosas, que possuindo distribuição mais ou menos extensa na América meridional, ou no Brasil, contribuem para a avifauna corumbana com raças geográficas próprias. Como exemplos destas formas, ditas substitutivas, podem citar-se, entre os mais conspícuos, *Rupornis magnirostris superciliaris*, *Thamnophilus punctatus sicturus*, *Xiphocolaptes major castaneus*, *Polioptila dumicola dumicola*, *Icterus cayanensis pyrrhopterus*, que no paralelo de Cuiabá passam a ser representadas por *Rupornis magnirostris magniplumis*, *Thamnophilus punctatus pelzelni*, *Xiphoco-*

(<sup>21</sup>) Sobre os limites, aspecto físico e fauna ornitológica da região em apreço, afora as diversas contribuições do Prof. Hans Krieg, veja-se Alfred Laubmann, "Voegel", em Wissenschaftliche Ergebnisse des Deutschen Gran Chaco-Expedition (Stuttgart, 1930).

(<sup>22</sup>) Cf. Alex Wetmore, Bull. 133 Un. St. Nat. Mus., pp. 313 (1926)..

*laptus major remoratus*, *Polioptila dumicola berlepschi*, *Icterus cayanensis periporphyrus*.

Fazendo contraste com a abundância de formas platinas ou chacoenhas, nesse trecho do baixo Rio Paraguai são muito raros os elementos originários do vale amazônico, tais como *Busarellus nigricollis*, *Icterus croconotus* e *Cacicus cela*, todos ainda assim de ocorrência accidental nos arredores de Corumbá.

Quanto ao que se refere particularmente à avifauna de Cuiabá e suas imediatas vizinhanças, no número dos elementos estranhos à região corumbana arrolam-se ainda gêneros e espécies oriundos do Brasil amazônico-septentrional, ou centro-oriental, tais como, entre os primeiros, *Eurypyga*, *Monasa*, *Tripsurus*, *Ceophloeus*, *Dysithamnus*, *Hypocnemoides*, *Dendroplex*, *Antilophia*, *Cyanerpes*, e entre as últimas, *Amazona xanthops*, *Euscarthmus striaticollis*, *Thryothorus leucotis* e *Thryothorus genibarbis*.

A situação muda porém inteiramente desde que, abandonando a calha do rio principal, nos afastemos para leste, acercando-nos do Planalto, cuja muralha ocidental, avistada de longe, tem o nome de Serra de São Jerônimo. Graças às condições atmosféricas criadas por este anteparo natural, e quiçá também por influência da diversa constituição do solo, aí a salvo das inundações periódicas, mesmo sem vingar o altiplano, deparamos com rica vegetação arbórea, adensada aqui e acolá em verdadeiras matas, de tipo acentuadamente higrófilo. Essa alteração do meio físico se reflete na composição da avifauna, de que entram a fazer parte inúmeros elementos alheios às terras baixas adjacentes ao rio Cuiabá e, por mais força de razão, à região corumbana. É fácil verificá-lo através da série de Palmeiras, em tudo semelhante à conseguida por nós dez anos antes em Sant'Ana da Chapada. Estes endemismos correspondem em boa parte a peculiaridades da avifauna dos campos e cerrados do Planalto Central, entre os quais se contam não só espécies (*Nystalus chacuru*, *Knipolegus lophotes*, *Saltator atricollis*, *Sicalis citrina*), como gêneros inteiros (*Melanopareia*, *Syristes*, *Uroleuca*, *Cypsnagra*, *Schistochlamys*). Mais de uma forma caracteristicamente planaltina poderá descer acidentalmente até o Rio Cuiabá, ou mesmo transpô-lo, como é o caso de *Antipholia galeata*, passarinho típico das matas ciliares do platô centro-brasileiro, que agora é notificado pela primeira vez junto às margens do rio. Outra parte é constituída de elementos pertencentes à avifauna silvestre do Brasil oriental, entre os quais igualmente se alistam espécies (*Platyrynchus mystaceus*, *Euscarthmus rufomarginatus*, *Basileuterus hypoleucus*) e gêneros (*Corythopsis*, *Neopelma*, *Capsiempis*), de todo estranhos às terras da baixada. O restante, que parece constituir a maioria, trai antes a contribuição da avifauna amazônica, de cujo heterogêneo conjunto fazem parte, ao lado de

espécies estranhas ao Brasil oriental (*Scapanus rubricollis*, *Tityra semifasciata*, *Tanagra lanirostris*), numerosas raças geográficas, que ora têm sua distribuição confinada ao Brasil oeste-septentrional (*Ramphastos vitellinus culminatus*, *Chelidoptera tenebrosa tenebrosa*, *Tersina viridis viridis*), ora ocorrem mais ou menos extensamente nas matas de leste (*Pipromorpha oleaginea oleaginea*, *Pitangus lictor lictor*, *Saltator maximus maximus*, *Arremon taciturnus taciturnus*).

A série da Fazenda Aricá é demasiado reduzida para dar margem a outros comentários. Ela, de resto, si fizermos abstração das aves palustres e ribeirinhas, denunciadoras da maior proximidade dos pantanais, assemelha-se muito de perto à de Palmeiras. Presente em ambas, merece referência particular o “Pavãozinho do Pará”, *Eurypiga helias*, representante legítimo da avifauna amazônica que, subindo o Rio Tocantins, alcança quase o sul do Estado de Goiás (Rio das Almas), mas não consta ter sido verificado até hoje na bacia do Rio Paraguai. *Hypocnemoides maculicauda maculicauda*, que não foi visto em Palmeiras, é também uma forma relacionada com a aviária amazônica, e muito comum no Rio Aricá.